

# organismo / n° 8

ricardo aleixo  
e evanilton gonçalves  
(orgs.)

FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
ESTADO DA  
BAHIA

**fun-  
ceb**

Fundo de **cul-  
tu-  
ra**



**Governo do  
Estado da Bahia**

Secretaria de Cultura

adriane garcia  
anderson freixo  
andré luiz pinto  
ângela vilma  
camilo César alvarenga  
ederval fernandes  
eliane marques  
felipe cruz  
gustavo arruda  
josoaldo lima rêgo  
mariana de matos  
marta galrão  
moisés alves  
ni brisant  
paloma franca amorim  
roberta tavares  
sarah rebecca

organizadores  
minibios



## apresentação

Já não bastasse o desafio que é produzir um panorama de poesia contemporânea num país de dimensões continentais como o Brasil, o convite do editor-poeta Jorge Augusto para fazermos, em dupla, a curadoria de um número especial desta revista trouxe-nos como problema adicional a necessidade de se estabelecer um recorte a partir do que se escreve na Bahia — o que representa uma extraordinária mudança de foco mesmo para quem vive na terra de Gregório, Kilkerry e Waly. Optamos, desde os primeiros contatos que mantivemos, por definir um conjunto de critérios que nos permitissem ler a mais vasta gama possível de poetas em atividade, hoje, no País, sem nos sentirmos presos pela circunstância geográfica, antes utilizando-a como um deslocador de perspectivas, o qual, com efeito, nos convidou a buscar, para além de uma ideia fechada de “poesia baiana”, um elenco de nomes de poetas que, a despeito da importância do trabalho que desenvolvem, raramente seriam tomados/as como ponto de partida para se discutir a “poesia brasileira contemporânea”.

Se não sabíamos exatamente o que queríamos, tínhamos, em contrapartida, total certeza quanto ao que não queríamos: o mais do mesmo em que se tornou o ambiente público de poesia no Brasil, pouco afeito às trocas dialógicas e pouquíssimo empenhado na diluição das bolhas — que, com o advento das redes sociais, só fizeram expandir sua dimensão cartorial e excludente. Cada nome de poeta, aqui, aparece mais pelo que traz de hipótese de realização futura, com base no caminho percorrido até o presente, do que por significarem, para nós, exemplos indiscutíveis de propostas já consolidadas. Apostamos no atrito, na inquietação, na busca de novos possíveis modos de relação com a escrita poética, tendo como fundo o triste e devastador cenário político e cultural do Brasil sob o domínio da extrema-direita e o seu empenho em atentar, como em nenhuma outra época deste país fundado sob o signo da violência, contra todas as formas de vida. Que o leitorado da Organismo possa ler esta edição como um sinal de que, no que tange à poesia, nem tudo é derrisão e fundo do poço.

ricardo aleixo e evanilton gonçalves

Jul19

BHZ/SSA



## **ampliar**

Alongo os olhos  
Depois de largo tempo  
Na encruzilhada dos equívocos:  
Mirrada miragem de estreitos

Simples: saio a uma rua silenciosa  
Escolhida a dedo  
Vou muito além de  
Espetá-lo no espinho da rosa

Mãos para o alto!  
O céu e o silêncio me assaltam  
Estou nua e choro  
Porque é sempre bom nascer de novo.

**adriane garcia**



## **deguste**

Era tão feliz que  
Vez em quando  
Saía a procurar infelicidades  
Como quem caçasse  
Borboletas

Espetava-as  
Bem espetadinhas  
Depois macerava os corpinhos  
E as tomava  
Demoradamente  
Num chá.

**adriane garcia**



## **de olhos abertos**

Nada é o que parece ser  
No meu corpo de fenômeno

Mas o que parece tece  
A única capa  
Que não me deixa nua

Seria a esquina  
Se não soubesse  
A falsa distância.

**adriane garcia**



## ponto e vírgula

traços interrompidos por trajetos de traças  
nos livros antigos que ainda não li  
dentro deles, o conhecimento que espera passivo meu não entender

cinco cigarros saem do maço jogado na mesa  
também sobre a mesa meu descaso  
e um bilhete com um número de telefone

nada além disso aqui dentro  
lá fora britadeiras quebram o mundo em novas vias  
onde hei de caminhar como nas antigas  
sem no entanto alcançar lugar algum

o mundo é um formigueiro complicado  
melhor fazer café  
tomar café  
e me esquecer

demorei muitos anos pra aprender  
a ordem do X, W e Y no alfabeto,  
que outubro não é o mês oito  
e os sinais de trânsito

quantos mais pra entender o resto,  
como a ordem das estações do ano  
o uso correto do ponto e vírgula  
e a vida?

talvez nunca;  
o ponto e vírgula e a vida

em algum lugar do mundo, talvez não muito longe  
alguém brinda um novo sucesso,

uma viúva chora  
uma vaca malhada sacode o rabo e faz mu  
um bêbado fala cuspiando  
um amante incontido goza dentro  
um cachorro morre atropelado  
e aqui, o silêncio dos livros não lidos

melhor fazer café  
tomar café  
e me esquecer

## estudo anatômico

Em meu corpo cabe tanto  
que cabe o abismo infinito do nada  
e tudo o mais

Cabe a fábrica incansável dos planos  
os infinitos analgésicos que tomo  
pro sem número de dores  
que também  
cabem em mim

Cabe o bicho enjaulado  
indomável que come prazer e dor  
e o vigia sacana ao seu lado  
que por fingido descuido  
abre a porta da cela e o liberta  
para depois medir seu estrago  
no mundo e em mim

E em mim cabem todas as feridas que esse bicho me causar  
E as que ele causar ao mundo também  
Porque há um reflexo do mundo em mim  
Porque esse mundo fora de mim cabe em mim também  
Porque em mim há espaço para todos os paradoxos  
e as antíteses e as contradições  
e o abismo infinito do nada  
e tudo, tudo o mais

Em mim também cabe a infinita dor  
Que esse bicho sente quando preso  
Cabem seus urros, seus gritos e gemidos  
E também o sangue que escorre  
Do pescoço em carne viva  
Pelo atrito com a coleira

E esse sangue em mim jorra infinito

Mesmo que o momento,  
por menor que seja,  
achate e encolha a vastidão de mim  
pra que eu possa existir no tempo

E mesmo que a língua,  
por maior que seja,  
em palavras desbotadas cerceie meu ser  
pra que eu possa existir nos outros

Em mim cabe o que sou  
o que não sou  
o que fui  
o que não fui  
e o abismo infinito do nada  
e tudo mais que serei  
e tudo, tudo o mais.

O mundo deve ser mesmo muito duro  
pra aguentar o peso dos meus passos  
Mas ele não é vasto  
A vida sim, porque veio de antes  
e segue pra depois de mim  
comportando em si a eternidade  
de todos os transeuntes  
passeando seus passos de chumbo  
por esse denso, denso mundo  
que entretanto  
cabe em mim.

## vodka no meio do processo

Quebro promessas como a histérica quebra os pratos  
E como bêbado em samba de breque perco meu chão.  
Perco eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, o mundo inteiro  
Tentando agarrar o braço que me acode quando o chão se rompe  
Para digerir então a iminência da queda na eternidade que existe entre o  
deslize e o solo  
Que quebrará os meus ossos como a histérica os pratos  
Se bem que às vezes eu mesmo me atiro aos meus próprios fracassos  
Conscientemente ignorando que toda liberdade termina em morte,

Eu quebro promessas como a queda quebra os ossos  
E quebro meus ossos como promessas.  
E às vezes bebo vodka no meio do processo.

Eu sou o cadáver das mil mortes que morri  
Ou o fantasma do cadáver que não fui  
Mas tire essa arma daí,  
Pelas minhas leis ninguém me mata além de mim.  
E pelas minhas leis a lei que vale é a minha lei.  
Tire sua arma daí, ou sua bala do meu trajeto, ou seu trajeto da minha pes-  
soa, ou sua pessoa da minha frente, ou sua frente da minha queda  
E eu caio como bêbado em samba de breque.  
E às vezes bebo vodka no meio do processo.

A vida é longa como um domingo de chuva,  
E rápida como um orgasmo  
Nascemos e morremos num relâmpago  
Numa fila da lotérica vivemos.

E bebemos vodka no meio do processo.

Antes de quebrar como histórica os pratos as promessas  
As uso como calçamento do meu chão  
Porque por tédio ou ordem andar é preciso  
E o tato do pé solicita um atrito  
Mas a cada passo, lento, sofrido, paro, penso:  
Era melhor ter caído.

Poemas não pedem para nascer.  
Deslocam o ponteiro daquilo que funciona.  
Cinco dedos são insuficientes  
muito menos uma cabeça para pensar  
a fim de que um poema venha a funcionar  
ausenta-se de todas as regras  
põe o coração na ré  
é preciso ter a fé de que nada vai dar certo  
para escrevermos  
se fosse.



## **anotações díspares como são díspares todas as anotações**

**andré luiz pinto**

Mas como fugir dessa linguagem  
impoluta, sufocada dia pós-dia  
intercedendo sobre tais minérios?  
E como, arrisco-me por conhecer  
nenhuma lei, alivia-se a boca  
sob a estase dos ventos? Mais se parecem  
do que negam o verdadeiro valor  
da conta, cântico dos quânticos,  
no descortinado meio-dia; aliás, Sofia  
engole a cidade, convenhamos  
que Sofia é morta e nos atende por Antônio  
Gonçalves Dias, nosso primeiro narciso.



Na gaveta da estante,  
guarda-se o pano para a mesa do jantar.  
O nome propriamente do pano  
esqueci, mas sei explica-lo.  
Tem um nome para isso, quando a gente  
entende a coisa, mesmo perdendo a palavra. Para isso  
que parece um fogo brando –  
e que a poesia ajuda. Costumo olhar o céu  
e aí ganhar tempo de tirar,  
da cartola, a tal palavra. Lembrando agora  
o que você me perguntou – quando lhe falei sobre minha vida  
antes do amor, a primeira coisa que me veio foi a noção  
do perdão. Que perdoar é esquecimento, calma  
e paz; mas, pensando bem, tendo  
a discordar. Acho que a gente não esquece, convive.  
Eu sinceramente não lembro  
se já perdoei algum dia... O nome disso é charme.



## **não são tempos para amar**

Não são tempos para amar.  
Calamos, preparando o silêncio  
de nosso corpo desguarnecido.

Nem um lençol, nem um cobertor,  
sequer um travesseiro:  
nossas mãos se curvam sobre nós

para ampararem um sono que não veio.

Não são tempos para amar.  
Dilatamos a memória do que somos  
na tristeza imensa - do que não temos:

um riso, uma gargalhada, uma mesa repleta  
desse conforto contemplado: a secreta alegria  
de quem não está só

diante da morte de todos os pássaros  
nesse tempo congelado e frio  
pernicioso e fatal.



## **o gato**

Feliz é o gato  
que nada sabe  
do que ocorre  
no Planalto  
e dorme seu sono  
sem sobressaltos.

Feliz é o gato  
que não pensa  
nada do que a gente  
pensa.  
Apenas se deita  
no sofá da sala

indiferente aos dilemas  
aos golpes do sistema  
ao diabo o quatro.

Feliz é o gato,  
meu Deus,  
Feliz é o gato.

**ângela vilma**



## **o pai morto**

*para Inocência Monteiro*

**ângela vilma**

De todas as emoções que detêm,  
uma lhe enche os olhos  
de uma primavera forte  
e quase extinta: o pai morto.  
Mas acodem-lhe em forte impulso  
a piada, o cheiro da camisa  
que ele usava  
o cigarro no cinzeiro.  
Cheiros. E palavras.  
O pai, morto, lhe preenche  
o mundo de fonemas; do nada  
vêm uma frase, um espírito  
envolto em riso:  
a lembrança que destaca  
os mortos dos vivos.  
Um dia ele me disse  
que se pudesse, quando viu  
o pai morto  
no caixão, ele o puxaria de lá, na marra,  
para a vida. Estremeci, como num puxão  
de orelha; chorei porque também tenho  
um pai morto, e o ensinamento  
me trazia forças para treinar  
esse movimento pretérito  
de mudar  
o ritmo tristonho do mundo.  
Ah, meu amigo,  
como poder ser feliz com esse  
acontecimento?  
Um pai morto é um estrangulamento  
em almas frágeis como as nossas,  
postas no mundo para profundos

aborrecimentos.  
Ah, meu amigo,  
sua dor todos os dias  
bate na minha poesia:  
martela, martela, martela.  
Vejo seu pai, andando pelas ruas  
com a elegância própria dos que encerram  
em si, sem susto,  
a alegre sabedoria  
da infinita brevidade.

## interregno

( ÒRUN – AIYÊ )

na hora exata,  
pelo tambor  
parte a palavra  
o céu em tantos,  
tantas pombas  
y pombos  
desviam-se  
dos tombos  
desavisados  
voos em  
horas vorazes  
de sol-posto  
afastam  
os encostos  
das costas,  
das pedras  
das águas,  
das matas,  
mais a mais,  
sereias cantam  
colibris bicando  
corolas tantas  
trufas escondidas  
nas flores, tantos  
trunfos no cálice  
vegetal, nas bordas  
do barro do turibulo,  
a bruma brilha in-  
candescente, névoa  
leitosa, fumaça real

camilo César alvarenga

solução suspensa,  
perfume sacrificial.  
Depois do Ipadê,  
Laroyê!

## a tempo

É em poucas palavras,  
que diz esta matéria que  
sou, de toda sorte, viva  
antes de acordar deste  
sonho num mundo mais  
próximo e menos inexato  
que este que, em poucas  
palavras, consome o vivo  
nesta instituição chamada  
Tempo, a que nenhum de  
nós pode escapar, muito  
menos em poucas palavras,  
como este poema, a dizer  
que o poeta está vivo e sangra,  
o que é mais um sinal do dia,  
antes que termine e uma nuvem  
noturna cubra Lagos, Ifé ou Cuba,  
onde o sol for, e o trague fumaçando  
em voos de estreletras e luarinas  
lamparinando os universos, em  
poucas palavras, que a estas  
horas não cansa de se expandir  
em você, em mim, e nestas  
poucas palavras que agora  
se derramam do pensamento  
e viram ação: esse estado de  
alma a que tentamos aceder  
a qualquer custo, já que a essa  
altura da subida a sola dos pés  
vai em carne viva e a ladeira  
cada vez mais íngreme, as trilhas  
suando verde os cipós das folhagens

nos pés das matas por onde passa  
e vai adiante ao caminho o caçador  
em busca da próxima aldeia e que,  
em poucas palavras, em meio a bruma,  
ao nada, ao caos mira sua única flecha  
à luz – túnica da manhã na alvorada

## otô

Yeyê Omo Ejá sob  
seu xale “branco”,  
suspensa espuma,  
num véu de líquido  
silêncio que acoberta  
tua salobra saudade,  
um véu de líquido  
silêncio que veste tua  
pele azulada d’água e  
alga marinha, indecifrável.  
Enquanto Osùn, seu ilá,  
seus ilús e suas sandálias  
douradas brincam brilhos  
no amadeirado do tablado  
e conversam com os olhares  
de Oyá que quebram as regras  
dos ventos e sussurram sob as  
sombas sonidos entre as pontas  
de suas lanças e as pombas girando  
no ar. enquanto no mar um marujo  
cego rema até o amanhã no cais da  
ilha, onde caboclos fazem um toré  
para Tupã e para o fogo que forja  
tuas armaduras, Aganju, que queima  
a pele das horas em que ela dormiu  
em sonhos, calmamente, quando de  
amortecido desejo se deixou embalar,  
sonâmbula, em memórias, onde ninguém  
mais vai cantar, só aqui, onde dentro do  
coração do tempo, Kitembu, acolhe a chuva  
e uma cigana-cabocla que gira no samba,  
num país reconvexo-recôncavo em que ao lado

de Mãe Conga, Nanã assiste a lama moldar os passos esquecidos pelos caminhos em que Omolu passou alastrando as pragas e arrastando as curas, já que em Terra, Oxalá, depois do Olubajé, contou às auras, em solares silêncios, que do Orún, Olorum medita os destinos do Aiyê.

## **língua geral**

ofício de lábios  
cuja carne cava  
no som  
uma língua

quase defunta

em febre  
o amarelar  
da febra  
laranja pus

deste incerto fastio  
língua geral  
fiat lux

rimografias  
rodovias  
destes mapas

acidentes  
de origem geográfica

um corte cego  
seco  
no cerne da gramática

a língua no gelo

avanço com o bafo  
o ranço da boca  
baco  
palavras tabasco  
malabares arabesco

**ederval fernandes**

a chuva não alaga  
ruelas becos favelas  
da fala

propago o calor  
húmus húmido  
o retorno ao motivo  
do artesão

a língua em degelo  
oráculo ordinário  
: coração

## magia

*para Raquel*

TEU poder  
vem do som

SIETE actos  
exactos

JUEGO de los  
signos altos

AND it comes  
from your eyes

BULLET sound e mais  
o teu chamado

MA non  
puedo explicar  
o que já foi explicado

MÁS  
eres blanco impuro  
umbigo obscuro

ERES um feixe  
um furo  
a fish  
on a clear water  
sem muro

TEU poder  
vem do sol  
do som

**ederval fernandes**

LIKE a desert  
profundo

E me saravá  
dos pecados  
DEL mondo

## **recitar versos**

Você pode  
em Feira  
recitar versos  
logo de manhã

e não parecer  
pedante. Você diz:

parem  
de jogar cadáveres  
na minha porta.

**ederval fernandes**



1.

Duzentas em prontidão para a degola  
 As galochas fincadas na fábula das facas  
 diretamente contra a cara

Assim a posse do chão para as conchas  
 Vês?

Aqui o primogênito de pescoço-elástico e caracóis na boca  
 Teima que atesoura o cabelo sob a luz do búfalo nas savanas  
 E tem meus cílios à sombra

Quando a cera de suas orelhas até no açude remoto  
 Omi osun ou sokoto, o chamarei  
 Afolabe

Mas aqui o primogênito de goma na garganta  
 No terceiro degrau do barranco (de cima para baixo)  
 A degola ainda mais branca

Afiado o gládio dos anéis como se os pés de ganso  
 Vês?  
 O degolador (à paisana) – pendente da voz de mando mais franca  
 É jubileu, mas não tirésias  
 Soube-se que um barbeiro assim kristallnacht tachac tachac tachac

Bom, tolera-se que pequeno (não menos de metro e meio)  
 Porém a faca sempre será flama

Um uivo às ataduras algodoadas e aos botões de suas botas  
 O segredo tornará possível que a lâmina

E às seis do relógio nada mais que seis em pronto  
 Ainda sob o luzidio as escamas  
 E algo que alguém res resmungou  
 ianso







3.

Os braços inchados delatam a força da aguada  
A passagem ojúsun iboji orísun  
A aguada atora rebenta  
Os solados

Moem caramujos e orangotangos

O toono negro dos açafrões invade  
E elas (elas)

Contra a ferrugem do dia  
Contra as folhas  
Contra o pútrido das folhas  
As faixas de contas que ferrujam as rochas

E então os pés com o pó vermelho do mercado  
A testa de búzios enterrada no charco

E então varridas para as poças  
Estão bêbadas e dormem de botas



Pensa na casa que habitas.  
Pensa, agora, que fazes uma viagem.  
Agora pensa nela, vazia.

Não é possível.  
Repara que, mesmo vazia, é do teu ponto de vista que a vês.  
Estás sempre lá. Corpo presente.

Mas repara.

Por detrás dos teus olhos  
algo pousa a vista em ti.

É a porta.  
A parte da casa que abriga o que está fora.



## visita

- Bom dia, dia 9.  
Sim, pode entrar.  
Você gostaria de algumas torradas?  
O dia 8 não quis...  
ele estava um pouco nervoso.  
Mas eu fiz essas para você.  
E também tem café, fique à vontade.

Vocês são muito calados, os dias.  
Eu entendo,  
é preciso que vocês nos ensinem coisas difíceis  
- ninguém quer mostrar a uma criança que o fogo queima, por exemplo,  
mas algum dia terá que ensinar.

Nunca mais pude reencontrar o dia 14 com a mesma distração,  
mas, eu sei, era preciso haver um dia para vovó morrer.  
Sim, realmente, não é nada pessoal  
e nem foi o dia 14 quem escolheu.

Coma e fique bem forte,  
e faça o que precisa ser feito.  
Na maioria das vezes demoramos a entender o que acontece  
- nem todo mundo é tão espiritualizado quanto gostaria  
e nós somos mesmo um pouco estúpidos.  
Mas depois entendemos, ou aceitamos,  
não sei bem.

Acho que nos cansamos de lutar contra os dias.



**margens**

*(Cortina. O filho caminha, pensativo, à beira do rio. Do outro lado sua mãe, morta, acena. O rio segue)*

- Quando a senhora morreu, mãe?
- Eu podia dizer que desde sempre, mas foi ontem.
- Ainda não me avisaram.
- Não contei a ninguém; seu pai acha que estou fazendo crochê e rezando. Imagina o susto.

- Como é?

*(Tempo)*

- Meu filho, não gosto de metáfora.
- Então me diga, o que é?
- Vi uma coisa ao meu lado, respirava fundo e era muito distante. Mas estava do meu lado mesmo. Me deu um susto; parecia que você estava chorando. Aí tudo se juntou numa bola pequena e funda. Entrei nela e acho que quando ainda passava o meu pé direito, morri.
- Então é uma bola?
- Sim. Lá dentro só cabia eu, e vi o mundo inteiro.
- Tem comparação?
- Várias, você sabe. De qualquer modo eu morri mesmo.
- E a senhora foi para outro lugar?
- Sim.
- Então agora a senhora fala comigo de outro lugar?
- Sim. Estou bem na sua frente, filho. Eu te amo, meu filho. Vá descansar.

*(Tempo. O filho ensaia uma despedida. A mãe desaparece. O rio segue. Cai o pano.)*



lúcido  
nas  
savanas

revejo  
teu  
globo  
febril  
e  
açucarado

**gustavo arruda**



breu retinto  
na  
pedra que ronca sol  
entre  
o  
arpão  
o  
beco  
e  
a  
rosa  
canina safira

**gustavo arruda**



um sempre o mesmo lábio  
beijo sem eixo  
mancha  
no  
meu ombro deslocado

**gustavo arruda**



## extinção

1

Tacar fogo  
em alguém  
Desconhecer o eco  
do pulmão  
quando queima

Espraiar  
por tempos  
Sem rumo ou  
disposição

Esvaziar os bolsos  
Ruminar ódios  
num permanente  
estado de graça  
coletivo

Sapecar o mato  
depois sorrir  
como espetáculo  
do que será

2

Nunca devolver  
o murro na jugular

A educação pelo fogo  
Quase um lema  
Qualquer corpo estranho  
corre perigo

josoaldo lima régo

3

Amargo de comida podre  
entre dentes

Os pedaços dos franzinos  
de fome  
e tortos de desamparo

4

No muro:

nunca deixou de ser aqui

5

Quase a forma  
não escrita  
A voz  
disposta na calçada  
e esquecida

Vida pra quem respira  
nos intervalos

**toadas**

**[tambor-onça]**

atrás do tambor-onça  
bumba-boi de mão  
no pandeirão de couro  
uma toada pro santo  
outra pra cachaça  
dentro do tambor-onça  
ancestral da mata  
caçador parente de onça  
tocador de tambor  
dentro do tambor-onça  
dentro do tambor

josoaldo lima régo



**[cantiga]**

1

pássaro de outro canto

2

desembocadura de rio

3

cantiga de velho pregoeiro

4

boi-de-nunca

josoaldo lima régo



**1**

eu sou uma mulher preta  
da água doce e quero aprender mais  
sobre os peixes que moram no mar  
(entre tantos)  
eu sou mais uma  
que erra e ama

**mariana de matos**



## 2

minha história vai embora agora  
junto ao ônibus que ancora na precária rodoviária às seis descalça como  
um leão no mato minha memória ainda caça entre retratos os meus junto  
aos enfrentamentos do país no interior do centro oeste entre as existências  
não hegemônicas minha herança agora descansa e soma segredos à minha  
matriz

mariana de matos



## 9

parece que com o branco eu falo o pirarrã  
à beira do rio maici sentada no seio da amazônia  
tão ilhada da consideração da sua língua  
- eu quero estar - alheia à estrutura secular da sua rima  
como se a desatenta palavra pluma que te pedra  
fosse em minha boca assovio que desvia e vira seta

mariana de matos



A mulher esquimó  
mastiga amacia com os dentes  
o couro dos bichos.

A esposa-leopardo-do-rei  
lima os dentes  
para tornar-se temível.

A mulher do ocidente  
emagrece enfraquece retira costelas  
Bruxa às avessas range os dentes  
no sono, secretamente,  
tritura sua força contida.



Em Guaibim é assim  
vento vem, vento traz

canário da terra, sabiá da praia, papa capim,  
pica pau, pássaro preto, assanhaço, caga sebo,  
fogo pagô, cardeal, bem te vi, beija flor

e pai, passarinho  
de alma tão delicada  
pousado na rede à espera  
dos pássaros na hora marcada.



## do amor

Por muitas noites e luas  
em uma garrafa de naufrago  
deslizou nas águas do rio  
a promessa que lhe faço.

Você responde com música  
batendo forte os pés no chão.  
Você quer leitura  
na palma da minha mão.

Canto em sua língua cigana  
É pela cintura, rapaz,  
que você deve me enlaçar  
nessa dança.

Cigano,  
será contra o vento  
se acontecer à beira do mar.

E se for à beira  
do precipício do mundo  
será tontura e estrelas  
o céu de suas palavras.

No abraço,  
escutarei em meu peito  
a desordem do seu coração.

Um desgoverno danado  
Em meu peito,  
dois pandeiros  
E a porta aberta pro sul.



**rocinha**

Saudade de meu pai comunista.  
Abre-se uma conta anônima que ainda neste instante  
calcula em algarismos e insônias o que se ganha  
nas perdas  
(as mais austeras).  
Perder não acaba.  
Flagro numa criança seu quantum de órfã.  
Gastei minha orfandade alegre em naves espaciais de  
plástico. Faço dela o que posso e quando não posso finjo-me  
de morto. Gritei.  
Estilhaços no chão da sala realçam  
a passagem de Saturno e Marte.  
A aterrissagem foi um sucesso.  
Você chora pouco.  
É uma pena que chorar não participe da lírica de seu olho.  
Silêncios movem-se em distintas frequências de intensidade,  
em minha boca alguns que talvez pousem na sua  
povoada de alquimias, beijos sem saudade,  
palavras sem língua.  
A trama começa e pobresas temos  
mas agora apenas em partes específicas.  
Invento uma loucura para irmanar-se com a sua.  
A loucura perde o endereço.  
Não eu.  
Surjo aos remendos colado ao verde musgo de um suéter.  
Um é avatar outro xamã das mínimas existências.  
Alguma coisa atravessa sutilmente  
uma ponta a outra dessa mesa.  
Ficamos quietos.  
A coisa fisga.  
Quem primeiro.  
Quem disse o quê.  
Deixo fissuras na parede para que a rua fique  
sempre à mostra enquanto divinos hóspedes dormem.

Acho que você me quer acima do seguro do necessário.  
Participo de célula antiterrorista sexy romantic system e  
outras artes brutas.  
Uma solidão pra cada.  
Aliás.  
Meu pai.  
A esta hora do dia.  
Neblina.

## improviso para kazuo ohno

Me sujei nos túmulos de muitos  
poetas avariados  
peço aos que falam com cinzas e  
pólvora nos lábios  
um exemplo em desenho da vida  
suculenta de seus cadáveres dentro  
ainda de sua boca  
seu sexo  
tenho revoltas místicas  
irreconciliáveis  
por isso fantasmas  
vermelhos gritam no meio da sala de  
onde te escrevo meu tumulto  
elétrico-de garagem-tóxico-  
viral  
a poesia não saiu nem sairá em  
defesa do pescoço da cabra entre a  
fome e ira da raposa lá  
da chapada  
esse acontecimento não extrai dela  
nem lamento ou risada  
comem-se nucas magras de garotas e  
garotos sob marquises em rede  
nacional além de frutas sem caroço café  
descafeinado e tudo bem,  
querida, dá náuseas  
a dose de gim nos salva  
de repente passa-se a marcha e  
chegamos em outra estação  
existencial  
chego junto àquele poste onde você  
está à espera mais uma vez de seu

homem você se concentra no meu  
passo a passo em tua direção como  
se fosse a vinda de seu carrasco  
aproximando-se  
não digo nada  
seguimos sinais de fumaça e  
aceleramos como kamikazes sobre  
câmaras e congressos do pior estado  
e sua piada instala entre nós uma  
suavidade  
estou gostando do modo que sua  
força me avoca  
na verdade estou pasmo

escrevo para quando o verão chegar  
e em sua homenagem um livro dos  
escombros  
aguarde

a poesia lambuza-se há dois mil e  
quinhentos anos lunares em  
pântanos e lodos e garante assim  
alegrias de vida mais intensiva  
carnívora  
mas ele vomita pelo menos três vezes  
ao dia e faz desse embaraço de coisas  
sensivelmente devoradas seu objeto  
de estudo  
peço no grito à alejandra pizarnik  
um ensaio sobre seu silêncio e o que  
ela me diz você já pode adivinhar em  
suas cartas quentes de tarot  
meu pau ainda não entrou e saiu de  
todos lugares postos no alvo  
dessas feridas secas e molhadas com

seus sulcos  
fatais  
resolvo por hora ficar sob tetos que  
desabam sobre mil outros tetos do  
brasil que desabam sobre muros e  
sacadas sobre nossos demônios  
privados pegos no flagra  
não conheço poetas que registraram  
a passagem de fantasmas vermelhos  
no meio da sala no fundo de becos  
esse impasse pertence  
à minha vida  
acho que somos um para o outro  
estranho capital  
você diz que pareço uma cena de  
cinema enquanto a musculatura do  
vento levanta de súbito tanto sua  
camisa quanto sua revolta à queima-  
roupa da vida  
esparramando o tempo que nos resta  
na minha cara  
assim que você pede  
eu lhe dou esse jazz  
essa febre



**amanhã faz um dia**

youê diz apresse-se vamos virar o ano  
apresse-se não fique parado preso aí dentro do ano passado  
de um passado  
dentro de uma saudade um balão desinflado  
não tente  
youê diz temos pressa  
o novo ano chega logo em breve apresse-se  
ele não espera  
senão o novo ano passa por cima de  
sua cabeça

é de um minuto para o outro  
não quero ficar preso dentro  
do que passou eu te digo  
do irrecuperável  
dentro de um cadáver  
como se mata um cadáver  
youê olha para mim concentrado  
nos cadáveres que trago youê  
olha para mim e diz deixe-  
os todos no primeiro toco de  
árvore  
como se mata um cadáver  
youê não responde  
eu não respondo

o que fica não  
nos conhece  
e vice-versa

não insistimos no dilema  
youê tem pressa

quando larga um cadáver  
sua última centelha  
dentro de uma pessoa quando larga  
quando escorre um cadáver em urina  
e merda para fora de uma pessoa  
como livra-se um cadáver  
da quentura de uma vida  
quando livra-se ele desse campo  
aberto  
essa alegre ferida

e vive como um esquecimento  
sequer uma sobra  
um furo na telha  
o esquecimento é a última fagulha de vida  
ou a absoluta ausência dela  
do que se alimenta um esquecimento  
de qual natureza de matéria

põe-se cadáver na mesa de qualquer jeito  
esse personagem de silêncios  
um cadáver come-se cru

sem fazer careta  
e contudo com uma lágrima  
de porco em pêndulo  
atrás dos olhos  
dentro das calças  
alguma lágrima  
como se corda enforcando a garganta  
por dentro

quando deixa um cadáver de  
arder

de ficar ardendo  
de ficar aceso como uma tocha queimando  
as carnes  
quando um cadáver conquista sua morte  
e ganha justamente a morte de prêmio  
a saída, sua rota fumegante  
tão definitiva que um dia se esquece seu nome  
data de nascimento, e mais uma vez o nome  
do meio sua cidade, sua herança, sua nacionalidade  
sua cria, sua letra, seu rosto de orgasmo  
alguém um dia esquece  
arrancam sua lápide, queimam seus ossos  
seus excessos  
lança-se o pó para fora da terra  
ninguém o quer

quando um cadáver desaparece da última  
pessoa que ainda o carrega  
de um filho, um amante  
quando um cadáver apossa-se de sua morte  
absoluta  
vanguardista  
inédita  
aquela morte que não pede retorno  
e não retorna  
fica o cadáver como deve estar  
em estado de desaparecimento

a morte que aceita o manto de neblina  
da neblinas dos dias e  
devora as formas  
o tempo vai passar novamente está  
veja  
passando o tempo  
o tempo passa e ainda

como se um sopro  
por essas redondezas o tem-  
po esquece e  
desesquece

veja bem como estamos nessa festa com seu não  
comparecimento

para onde se envia um corpo de uma ausência,  
sua musculatura, seus gestos, sua areia

“amanhã faz um dia”  
Crispina Teles  
para Taise Macedo

**armadura**

Tenho medo de me apegar ao chão  
acostumar a viver por baixo  
e esquecer como se faz para levantar  
mas medo de cair  
eu perdi faz tempo.

Tenho medo que o meu amor acabe antes de ser feliz,  
meus filhos guardem na memória a lembrança de um pai que não sou eu  
que os amigos não me reconheçam quando nossas fotos ficarem velhas  
mas medo da solidão  
eu não tenho só.

Coragem é todo passo dado na direção oposta ao que somos quando até o  
nosso maior inimigo passa a ser uma conquista  
e nem o mais traiçoeiro fracasso pode desonrar a nossa luta.

Quando a gente vira freio  
teme ser quem é  
mas tem ainda mais medo de não tornar-se quem pode.

Só não tem medo quem  
não tem nada/ninguém a defender.

Coragem é um combustível-combustão  
surge quando impossível  
não carece de permissão para fazer.

Defenda a sua história  
sua alegria  
defenda seu amor  
Defenda-se  
caso contrário, ninguém jamais lutará por você.

Sentir medo é ser humano  
ter coragem é inventar Deus dentro de si.

Eis o último mantra, oração e armadura  
para uma vida inteira:  
coragem coragem coragem  
coragem  
Coragem!

## miúdos de passarim

não existe liberdade que assuste passarinho  
a parte mais dura de voar é o pouso  
melhor hora para semear é na trovoada  
Mãe uma vez disse

os sonhos não podem ser recordados  
cabe a nós a coragem de vivê-los para descobrir  
Todo dia a noite me lembra

E vai chover

E assim seguimos nós  
abatendo vilões  
idealizando heróis  
correndo demais  
sem olhar para trás  
cada vez mais sós

E vai chover

Você já se acostumou  
ou  
Ainda sonha?

Agora anda  
como quem nada  
faz silêncio feito o Atlântico  
destruindo edifícios

Levanta da cama  
como vietnamitas dançando entre campos  
minados

Prepara café  
com o apetite de uma viúva  
penteando-se para o velório de sua neta

Fecha porta  
com a perícia dum zagueiro  
fazendo sutura pós parto

Procura uma saída  
como um aposentado  
espera  
o último episódio da caverna do dragão

E não vai trabalhar  
como se desistir  
fosse caso de atestado médico

Faz carinhos em cactos  
como quem planta pregos  
no asfalto

Perigando esquecer  
o caminho que te fez asas

a Liberdade te ensinou a ser caminho  
Teu princípio é recomeçar

**tratado sobre o coração das coisas ditas**

Acordo e me pego no abismo de sempre  
com cicatrizes de alegrias forçadas no rosto  
levanto para travar lutas de conquistas obrigatórias  
enquanto penso num modo de dormir em pé  
evito a tentação de acordos que a rotina oferece para uma rendição pacífica  
e covarde  
em seus cemitérios de cérebros e corações

A vida ainda impõe identidades que não me servem  
e para não ser vítima do meu próprio reflexo  
me invento na fuga diária do óbvio  
do tédio e deste vil destino volúvel  
voou aniquilando frases pré-fabricadas  
converto as ficções mais reais em armas incendiárias de sentidos

Escrevendo me aproximo de ser gente  
faço uso dos sonhos que alimento  
para crer numa improvável chance de dignidade  
livrando meus vícios sádicos e impublicáveis  
defenestre toda timidez cabisbaixa e insegura  
transgressão dando entendimento a quem quer saber  
num tratado sobre o coração das coisas ditas

Faço da palavra minha pátria  
arte e  
coração  
gravo insígnias nos olhos e expresso uma matéria legítima  
de liberdade e resistência  
o mais potente combustível capaz de mover  
funde sangue suor sentinelas e flores  
gerando uma energia tão infalível  
que já não pode ser representada

Feito idioma exótico  
minha estrela é signo sem zodiaco  
compreendida apenas por imprescindíveis  
desajustados em passos de dança e luta  
mais intrépidos e necessários

Meu manifesto é para quem tem algo a dizer  
quem ousa pensar na vida e segue combatendo  
ainda que pareça derrotado e  
já sem forças para existir

Luto  
contra toda opressão oficializada em máscaras de paz  
e mesmo que abatido  
eu não me rendo

Não me rendo  
não!

## dessa vez eu vou nascer raio

dessa vez eu vou nascer raio  
singrar à leste  
queimar o moinho  
libertar os cavalos  
incendiar os telhados  
inundar as cidades  
as cidades vão cair  
um ruído óptico,  
um imenso e gordo raio azul  
fibroso, duro, tenro, agridoce  
a alvejar a retina do olho de touro  
de um cego na rua que me pode ver  
retalho o céu em doze cenários  
embaralhados  
para engravidar de meus pássaros  
não uma lâmpada  
sem felicidade  
sem infelicidade  
não:  
raio  
o raio é do avesso  
pra dentro  
um espelho  
dessa vez eu vou nascer raio  
para lançar-me do farol  
passar pelo corpo de  
asas amarrotadas  
no qual o anjo  
está aprisionado  
dessa vez eu vou nascer raio  
vulto elétrico da chuva

paloma franca amorim

tristeza da chuva  
alegria da chuva  
um gesto sem ossos  
um grito sem voz  
a primeira manhã  
depois da solidão

## genealogia dos meus pés

I

Parece que o dia que acaba me bebeu num gole só  
pra matar a insaciável e ressuscitá-la às garfadas  
na beira da mesa de família não tenho um lugar  
quando menina sentava no chão  
ao lado de minha irmã  
porque a avó fazia distinção entre os netos pretos  
os netos brancos  
os filhos dosãos  
as filhas do louco  
e daquela evangélica que entrou no clã  
o antonio não ia conseguir mulher melhor mesmo  
mesmo que tentasse do avesso ser-se em consequência de recomeço  
um novo homem  
ideias ajustadas  
seria bom que gostasse de lucro financeiro  
e parasse de rasurar traços sem início  
a avó não sabia de nada  
além disso,  
não sabia de nada

II

minhas filhas,  
a mãe sussurrou no alpendre da morte,  
atrás da garagem onde um menino passou a mão em mim,  
vocês são  
as pernas mais fortes  
do gigante



## sem título

são tempos de outono  
no sudeste do país,  
aqui, entretanto  
na largueza de dentro  
- entressafra -  
jaz,  
intermitente,  
armas em punho, alabardas em brasa,  
à veia cava  
meu inverno dantesco  
amazônico  
\*

paloma franca amorim



## clitóris II

Pétalas  
Fragrâncias  
Ventos -delirários

Um beija-flor  
Curvando  
Joelhos  
A colorir  
(in)sanidades

A anular  
Mesuras  
Estigmadas

Sublimação  
A cantar  
Silêncios  
embriagários

roberta tavares



## **urbanidades**

Eram espasmos  
Eram noites atordoadas  
Manhãs nasceram enlouquecidas  
Uma andorinha eletrocutada  
Gritava de sangue no poste iluminado  
Eu sem nunca ter saído  
Ia-me para sempre do canal amargo  
Com feixes de fogo acessos nas mãos

**roberta tavares**



## **enfermidades**

Meu barco enfermo  
Se arrasta pela areia  
Do sol  
Pela areia de sol  
Arrasto-me  
Eu barco-enfermo  
Nuvens cinzentas  
Se propalam  
Para bebermo-nos  
Um pesar longínquo  
De antiguidade  
Sacode fortemente  
Nós-nau  
Náufragos delapidados  
Nos querem deter  
Incendiárias madrugadas  
Saltimbancos entorpecidos  
Se propagam na areia  
Trazendo peixes de lua nas mãos  
Deveras que seja enfim  
Esse ópio o curandeiro  
De nossas fraturas dorsais.  
Estamos sós recebendo  
Intactos a cura faiscando  
Desses seus profundos olhos  
Eu antes quase barco-jazigo  
Eu antes nau-febril

**roberta tavares**



## remanescente

O som do telefone  
ao lado da arma de fogo  
do novo segurança  
diz que já passou,  
que já passou, man,  
que tudo vai dar pé,  
que somos isto e aquilo;  
que pensamos assim  
e assado.

É o último dia possível  
e agora a luz se foi  
na cidade inteira,  
até lá, lá em cima,  
mas a boa notícia  
é que a vila continua,  
respirando.

No degrau do correio:  
o recém-aposentado  
mantém um sorriso;  
há buracos e silêncio  
entre os dentes  
e nunca lhe faltou  
sono tranquilo.

Na caixa da venda:  
uma, duas, três, quatro, cinco  
pequenas e frescas laranjas  
há minutos tiradas do carrinho,  
são pesadas e trocadas  
por moedas.

sarah rebecca

No ponto de cultura:  
as traças entre livros  
no canto escuro  
se locomovem nas lombadas,  
cada uma com o ritmo e barulho  
da árvore que talvez tenha caído na floresta  
mas que ninguém viu.

## longitude

Perdidos, citamos  
nomes possíveis  
das cores das  
velas manchadas  
de gotas secas e  
do uso-efeite do tambor  
do sextante. Não pensamos  
no posfácio. No mesmo dia,  
outros não tiveram  
nossa sorte ou fé ou  
ganchos. Com uma sentença  
invertida, chegamos até onde  
a madeira está verde, com um ruído  
que poderia ter vindo antes,  
e de onde prosseguimos, solitários.

sarah rebecca



## horário de funcionamento

Perto do cartório vi  
um mirante com  
uma placa, e só consegui ler  
depois de escuro que  
nos diálogos  
dos romances cômicos  
falta espaço nas nuvens.

sarah rebecca

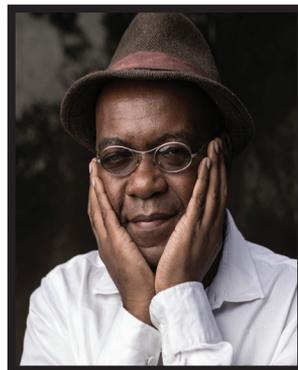


## organizadores

### ricardo aleixo

belo-horizontino de 1960, Ricardo Aleixo, filho de Américo Basílio de Brito (1911-2008) e Íris Aleixo de Brito (1918-2009), é poeta, artista visual e sonoro, performer, pesquisador das poéticas da voz e do corpo, cantor, compositor, ensaísta e editor. Aprendeu a ler em casa, com a mãe e o pai, que, a despeito da pobreza material em que vivia a família, legaram aos filhos, Fatima e Ricardo, o interesse pelas artes e pela literatura. Américo era cinéfilo, calígrafo e, aos 65 anos, começou a escrever poemas e contos infantis. Íris, que amava cantar, guardava em sua cabeça privilegiada um vasto repertório da música popular brasileira – dos ídolos do passado até nomes que surgiram dos anos 60 em diante. Em comum a ambos, também o gosto pelo rádio: ele, ligado no futebol; ela, fissurada nas radionovelas. Foi, assim, sem grande surpresa que, numa certa tarde de 1979, o casal ouviu do seu caçula a informação de que abandonara o curso técnico de contabilidade para se dedicar, em tempo integral, ao aprendizado da poesia e da música. Registre-se que a essa altura Fatima já havia conseguido seu primeiro emprego e concluía o curso de letras na Universidade Federal de Minas Gerais, com o qual logo se decepcionou, ao compreender que o estudo da pletora de teóricos de nomes impronunciáveis que lhe foi impingida por quatro longos e tediosos anos não a transformariam na escritora que desejava ser um dia.

Ricardo Aleixo publicou, entre outros, os livros **Pesado demais para a ventania** (Todavia, 2018), **Antiboi** (LIRA/Crisálida, 2017 – finalista do Prêmio Oceanos 2018) e **Modelos vivos** (Ed. Crisálida, 2010 – finalista dos prêmios Portugal Telecom e Jabuti 2011). Já fez performances na Alemanha, na Argentina, em Portugal, na França, no México, na Espanha, nos EUA e na Suíça. Integra antologias, coletâneas e edições especiais de revistas e jornais dedicados à difusão da poesia brasileira nos EUA, na Argentina, em Portugal, na França, de País de Gales, em Angola e no México. Tem participado de impor-



tantes exposições coletivas, como *Poesis < Poema entre pixel e programa >* (RJ, 2007), *Radiovisual – Em torno de 4’33”* (Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2009) e *Poética Expositiva* (RJ, 2011). É curador do festival ZIP/Zona de Invenção Poesia. Edita a revista *Roda – Arte e Cultura do Atlântico Negro* e a *Coleção Elixir*, de plaquetes tipográficas.

## evanilton gonçalves

escritor e revisor de textos. Nasceu em 30 de julho de 1986, em Salvador, Bahia. É Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e Mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura na mesma instituição. Participou como convidado da 4ª edição do ciclo Páginas Anônimas – A literatura que o Brasil faz e você desconhece, programação da FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty 2017, através da FlipZona, que ocorreu na Casa da Cultura, em Paraty.



É um dos editores do blog *Diários incendiários*. Já teve textos publicados nas revistas *Subversa*, *Desenredos*, no jornal literário *RelevO*, na antologia *Fora Tema*, organizada pelo Coletivo Tear (Severina Catadora, 2016) e no blog da Companhia das Letras. Integra a plataforma *Oxe: Portal da literatura baiana contemporânea*. Participou, como escritor convidado, do Circuito Artístico Educativo Sarau da Cor 2017, na Cidade do México e em Oaxaca de Juárez. Em 2018, foi autor convidado na 2ª FLIPELO – Festa Literária Internacional do Pelourinho. Publicou o livro de prosa *Pensamentos supérfluos: coisas que desaprendi com o mundo* (Paralelo13S, 2017), que está em processo de tradução para o espanhol. E-mail: [evaniltongoncalves@gmail.com](mailto:evaniltongoncalves@gmail.com)

# MINIBIOS

## **adriane garcia**

poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou Fábulas para adulto perder o sono (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), O nome do mundo (ed. Armazém da Cultura, 2014), Só, com peixes (ed. Confraria do Vento, 2015), Embrulhado para viagem (col. Leve um Livro, 2016), Garrafas ao mar (ed. Penalux, 2018).

## **anderson freixo**

nasceu em Niterói, em 1990, e foi criado na cidade de Nilópolis, na Baixada Fluminense. Aos dezesseis, mudou-se para Salvador, onde, mais tarde, frequentou o curso de Letras da UFBA, tendo recebido a titulação de Bacharel em Letras – Inglês em 2016. Já trabalhou como auxiliar de escritório, livreiro, ambulante, agente de pesquisa e mapeamento do IBGE, revisor de material didático e, atualmente, trabalha como tradutor e revisor freelancer. Escreveu seu primeiro poema aos 14 anos. Sete anos depois, em 2011, teve seu conto intitulado Gato das Sete Mortes publicado na revista eletrônica Outros Ares, sob o pseudônimo de Don Soares. Utilizando o mesmo pseudônimo, publicou os contos Menina Ansiosa e Cotidiano, no ano seguinte, na mesma revista. Em 2013, foi um dos finalistas do 4o Prêmio Literário Sérgio Farina, conquistando o segundo lugar na categoria Poesia, com seu poema Saudade da dor. Nesse mesmo ano, publicou seu conto O homem e a morte, na revista Mallarmagens. A partir então, teve diversos poemas e contos publicados, já utilizando seu próprio nome, nas revistas Samizdat, Mallarmagens, Desenredos, Subversa e Revista EMA.

## **andré luiz pinto**

nasceu em 1975, Vila Isabel, Rio. Doutor em Filosofia pela UERJ, leciona na FAETEC e SEEDUC. Casado com Cristina Melo, pai de Tales Melo da Rocha. É autor de: Flor à margem (1999), Um brinco de cetim/Um pediente de satên (Maneco, 2003), Primeiro de Abril (Hedra, 2004), ISTO (Espectro Editorial, 2005), Ao léu (Bem-te-vi, 2007), Terno Novo (7Letras, 2012), Mas valia (Me-

gamíni, 2016), Nós, os dinossauros (Patuá, 2016). Nesse ano, sairá Migalha, também pela 7Letras.

### **ângela vilma**

nasceu em Andaraí, Bahia em 10/11/1967. Publicou os livros de poemas: Beira-Vida (Jotanesi Edições, 1990), Poemas Escritos na Pedra (Jotanesi Edições, 1994), Poemas para Antonio (Ed. P55, 2010) e A solidão mais funda (Ed. Mondrongo, 2016); e de contos: A casa (MAC, 1997) e Ela, João e o Terno (MAC, 1998). Integrou, entre outras, as seguintes coletâneas: Sete faces (UEFS, 1996), Figuras contínuas (UFPE:MAC, 2000), Concerto lírico a quinze vozes (Ed. Aboio Livre, 2004), Tanta Poesia (Menção Honrosa, Prêmio Banco Capital 2005), Brasil Retratos poéticos (Escrituras, 2009), Mulheres Poetas & Baianas (Salvador: Caramurê, 2018). Lançou, em 2004, pela FUNCEB, sua dissertação de mestrado, A tessitura humana da Palavra: Herberto Sales, contista. Atualmente é professora adjunta de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tem, desde 2007, o seguinte blog: [www.aeronauta.blogspot.com](http://www.aeronauta.blogspot.com). Publica também em sua página do Facebook.

### **camilo César alvarenga**

é poeta, músico e pesquisador. Foi concebido na região do Rio Grajaú, no interior do Maranhão, no território de ocupação Tenethara, dos “guajajara”, povo ameríndio de língua tenethara entre os quais Dalva Lúcia, sua mãe, um negra nagô, viveu entre realizando partos nas aldeias no fim dos anos 80, quando conheceu Sesário Oliveira, descendente guajajara, seu pai, aprendiz de curandeiro na cultura local e atual herbalista no território. Para a experiência de atualizar as heranças dos ancestrais e dos mais velhos da família a partir dos saberes e conhecimentos tradicionais, nasceu em São Félix, no Recôncavo da Bahia, traçou trajetória social através da educação e da arte, com vida acadêmica no Brasil e no exterior, que lhe proporcionou o aprendizado da antropologia e da etnomusicologia, além da vida artística marcada pela experiência com a literatura e a poesia e, em especial, com a música. Há três anos veio ao mundo Benjamin, o seu primeiro descendente. Companheiro de Elaine Una, há um ano, vive em Olinda, Pernambuco, atuando como produtor executivo no Quilombo Cultural Casa Coletivo.

## **ederval fernandes**

nasceu em Feira de Santana, Bahia, em 1985. Tem dois livros publicados: “O livro conta corrente” (Ed. Sarò, 2014) e “Novas ofertas de emprego para Ederval Fernandes” (ParaLeLo13S, 2018). Há também poemas publicados em revistas e jornais como Modo de Usar (Brasil), Portal OXE (Brasil), Enfermaria 6 (Portugal) e Le Monde Diplomatique (Portugal).

## **eliane marques**

poeta, ensaísta, editora e roteirista. Coordenadora da Escola de Poesia; coordenadora editorial da revista de poesia “Ovo da Ema”. Publicou os livros de poesia “Relicário” (Editorial Grupo Cero - 2009) e “e se alguém o pano” (Escola de Poesia - 2015), vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura 2016, na categoria poema. Com outros autores publicou “Arado de Palavras” (Editorial Grupo Cero - 2008) e “Blasfêneas: mulheres de palavra” (Casa Verde - 2016). Traduziu o livro “O Trágico em Psicanálise” (Ediciones Psicolibros - 2012). Atualmente trabalha na tradução do livro “Pregón de Marimorena”, da poeta uruguaia Virginia Brindis de Salas, para a editora Figura de Linguagem e prepara o seu novo livro de poemas “O poço das marianas”. Participou do projeto Escritas em Trânsito (FUNCEB-Salvador-Bahia/2017), em que ministrou oficina de poesia; da III Jornada de Autoria Negra, em que proferiu palestra (Universidade Federal de Brasília/2016); da Feira do Livro em Alegrete (2017), onde ministrou oficina; do FestiPoa Literária (2018), onde participou de bate-papo com outras poetisas, e das várias edições das Feiras do Livro de Porto Alegre, com palestras e lançamento de livros. Esteve entre os poetas organizadores do AEDO - Arte e Expressão da Oralidade - Festival de Poesia, bem como das várias edições do Porto Poesia e do Porto Alegre Dá Poesia. Conduziu o projeto “Poetas do Futuro” cujo trabalho originou a revista “Não é o Bicho” (Escola de Poesia - 2012). Organizou os livros “No meio da meia-lua, primeiros versos”, do coletivo Africanamente Escola de Capoeira Angola; “Estamos Quitos”, de Jorge Fróes (publicados pela Editora Vidrúguas e pela Escola de Poesia, em 2013 e 2015); “Nomes à margem”, de Túlio Henrique Pereira (Escola de Poesia - 2017) e a coleção de livros de poesia “Adire” (Escola de Poesia - 2017). Atuou como atriz e roteirista no curta-metragem “Uma carta ao presidente”. Trabalhou como produtora executiva, roteirista e diretora do documentário “Wole Soyinka - A forja de Ogum” (2017).

## **felipe cruz**

é professor e escritor. Publicou os livros de poesia *Acúmulo* (2016), *Os cegos dormem* (2018) e o ensaio autobiográfico *Você nunca fez nada errado* (2019). Já contribuiu para publicações eletrônicas escrevendo textos sobre cinema e literatura. Atua também na área da produção audiovisual, da fotografia e da teoria literária.

## **gustavo arruda**

são paulo, 1974. Publicou imagens e textos em diversas revistas, entre elas, *Azougue*, *Sibila*, *Artéria*, *A Phala - Revista do Movimento Surrealista*, *Cut Up ! An Antology Inspired by the Cut Up Method of William Burroughs & Brion Gysin*. Organizou em parceria com a editora Córrego o livro *Crowley-Pessoa: O Encontro*, de Alberto Marsicano. Publicou ainda os livros de poesia *Dispara*, *Gyro* e *Recôncavo Elétrico*.

## **josoaldo lima rêgo**

é poeta e professor. Publicou os livros *Motim* (Coleção Megamini, 2015) e *Carça* (2016), ambos pela Editora 7Letras. Mora em São Luís.

## **mariana de matos**

(MG/PE) é artista visual e poeta. Reside em Recife. Graduiu-se em Artes Visuais na Escola Guignard (UEMG) e cursa mestrado em Teoria Literária (PPGL/UFPE). Investiga relações de poder, contra-narrativas históricas, representação, subjetividade e pensamento decolonial. Se dedica à fusão entre os campos da imagem e da palavra e à tradução do cotidiano pela perspectiva da poesia. Atua com ideias que norteiam suportes e linguagens híbridas. Desenvolve trabalhos em pintura e costura, interferências em madeira, livros de artista, arte relacional, instalações, cadernos literários, ações, performances literárias e intervenções poéticas urbanas.

Lançou 5 livros e desenvolve desde 2010 o projeto *Poesia como Paisagem*, procedimento poético urbano. Fundou o selo de literatura expandida *Bendito Ofício* (2016) e a organização *MUNA* (mulheres negras nas artes/2017). Atualmente desenvolve o projeto literário *AS poetas do pajeú*, no sertão de Pernambuco e a pesquisa *O periférico no centro: A contribuição da poesia negra para o pensamento decolonial*.

## LIVROS PUBLICADOS

2009 Para acabar com as obras primas ou sobretudo o verso [UEMG] 2010 Prosa e Verbo [Ed.Bendito Ofício] 2014 Meu corpo é um esconderijo [Ed.Penalux] 2016 Meta [Bendito Ofício] 2017 Poesia pra Pixo [Bendito Ofício]

### **marta galrão**

(Salvador-BA), graduada em Psicologia, professora e poeta. Dentre outras, participou das antologias poetas @independentes(2007) , pórtico 3(2009) e Mulheres poetas & Baianas, Ed. Caramurê (2018). Autora de A Chuva de Maria (Kalango, 2011), Muadiê Maria - Coleção Cartas Bahianas (P55 Edições, 2013), Um rio entre as ancas, Coleção Pedra Palavra, 2013 e o infantil Uma menina chamada Nina, 2017.

### **moisés alves**

publicou Cadernos de artista, Onde late um cachorro doido, Coisas que fiz e ninguém notou mas que mudaram tudo e escrito e dirigido por moisés alves, todos pela Editora Circuito. Foi contemplado em 2018 com uma bolsa concedida pelo governo alemão através do Goethe Institut Salvador-Bahia para uma temporada em Berlim. Lá participou do festival de poesia da cidade e ministrou um workshop de poesia contemporânea brasileira na Freie Universität Berlin. Atua também como docente de literatura junto à Universidade Estadual de Feira de Santana.

### **ni brisant**

nasceu no verão de 85, em Acajutiba-BA. Pensa que poesia é o que a gente sente. O resto é literatura. Com obras traduzidas para o francês, espanhol, inglês e italiano, Ni resiste atualmente em São Paulo. Onde lançou Selin Trovoar, Tratado sobre o coração das coisas ditas, Para Brisa, Se eu tivesse meu próprio dicionário, A revolução dos feios, Meninos que não vão a casamentos e outras presepadadas. Email: nibrisant@gmail.com

### **paloma franca amorim**

é escritora. Nasceu em 1987 na cidade de Belém do Pará, na região amazônica. Autora do livro de contos e crônicas “Eu Preferia Ter Perdido um Olho”,

publicado pela editora Alameda no ano de 2017, foi cronista ao longo de dez anos do jornal paraense O Liberal. Atualmente é colaboradora do caderno de cultura Ilustrada do jornal Folha de S. Paulo e do site Opera Mundi.

### **roberta tavares**

poeta e ativista cultural. Frequentadora e articuladora de eventos literários na cidade de Belém onde costuma exercitar a poesia na oralidade através da declamação e da leitura em voz alta. Atualmente organiza junto com outros poetas o “Sarau do Povo da Noite” evento de poesia falada que circula por Belém reunindo uma diversidade de poetas, principalmente jovens com propósito de desengavetar seus poemas. Vive em Belém há mais de 9 anos, mas sua origem e raízes mais profundas estão no interior da Amazônia, mais precisamente nas áreas quilombolas do baixo rio Bujaru, na margem do igarapé Cravo. Roberta é também historiadora formada pela Universidade Federal do Pará onde atualmente é mestrandia no Programa de Pós-Graduação de História social da Amazônia (PPHIST-UFGA) onde desenvolve pesquisas sobre o tema da escravidão negra na Amazônia oitocentista.

### **sarah rebecca**

nasceu no Reino Unido em 16 de dezembro de 1976. É poeta, tradutora, editora e livreira, radicada no Brasil desde 2003. Formada pela Universidade de Glasgow e com Diploma em Tradução pelo Chartered Institute of Linguists, Reino Unido, trabalha com textos literários e acadêmicos, adaptação criativa, legendas e histórias em quadrinhos, entre outros gêneros de tradução. É autora do livro de poesia “Tipografia oceânica” (paraLeLo13S, 2017) e a memória-biografia “Sábado” (paraLeLo13S, 2018). Os seus poemas e traduções foram publicados em jornais e revistas como O Globo (página Risco), Revista Pessoa, Jornal RelevO, Two lines: World Writing in Translation, The Critical Flame, Asymptote Journal, Modo de usar & co., Revista Oblique, e Long Poem Magazine. Reside em Salvador, onde coordena as atividades da Livraria Boto-cór-de-rosa.

**ficha técnica**  
**editora organismo**

**editor**

jorge agosto

**projeto gráfico**

diego ribeiro

**diagramação**

livia maria souza

**organizadores desta edição:**

evanilton gonçalves

ricardo aleixo

**revisão**

carlos santiago

**Revista organismo, vol. 8.**

Revista organismo, n. 8, organizada por Evanilton Gonçalves e Ricardo Aleixo.  
Salvador: Editora Organismo, 2019.

122 p.

**ISSN:** 2447-4088

1. Literatura Brasileira 2. Poesias I. Título II. Evanilton Gonçalves III. Ricardo Aleixo

**CDD:** B869.2